

Reflexão Estética da Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Reflexão Estética da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R332	Reflexão estética da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-428-3 DOI 10.22533/at.ed.283192506 1. Literatura – Estética. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos literários têm sido utilizados com as mais variadas funções no processo de ensino e aprendizagem. São utilizados para trabalhar as habilidades de leitura, escrita e reflexão nas ações de alfabetização e letramento dos sujeitos.

A variedade dos textos literários no processo de formação linguística é bastante ampla. Para citar apenas alguns estilos de textos literários, temos, as poesias, os poemas, os sonetos, os romances, os contos, as crônicas entre outros.

São discutidas, neste livro, as questões literárias do ponto de vista da estética, sobretudo da análise de obras literárias no processo de formação e educação da sensibilidade dos sujeitos, tanto na escola quanto fora dela, por isso, esta obra revela doze trabalhos reflexivos aos leitores e aos interlocutores que queira se aventurar no mundo do conhecimento, conforme serão apresentadas a sínteses, a seguir.

No primeiro capítulo é oferecida uma nova possibilidade de análise do monólogo interior de Addie Bundren, personagem central de *Enquanto agonizo*, romance de William Faulkner, publicado em 1930. No segundo capítulo, a autora estabelece uma relação entre texto e imagem na obra *Simbad, o Marujo*, obra anônima e adaptada por Ana Maria Machado.

A autora do terceiro capítulo discute a resistência da poesia no meio capitalista, em que se prioriza o material em detrimento da emoção humana. No quarto capítulo, o autor analisa contos de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, obra publicada pela primeira vez em 1962.

No quinto capítulo, a autora rediscute os desafios do texto, partindo de uma temporalidade como componente essencial da narrativa. O autor do sexto capítulo traça algumas considerações sobre o espaço, visando estender o problema para as literaturas minoritárias em geral.

No sétimo capítulo, a autora investiga o contexto de elaboração escrita em *O chão dos pardais*, de Dulce Maria Cardoso, de Gonçalves Neto e Gama. A autora do oitavo capítulo demonstra como o duplo sedimenta a ocorrência do narcisismo, materializando-se no personagem Dorian Gray.

O autor do nono capítulo além de relatar tem a função de inspirar outros docentes do Ensino Fundamental II quanto à aplicação do livro-jogo em sala de aula. No décimo capítulo, o autor discorre sobre o inconsciente político de Juan Rulfo, com o objetivo de elucidar as questões do mundo rural presente em Pedro Páramo.

No décimo primeiro capítulo o autor problematiza as concepções estéticas na formação de plateia para o teatro, apresenta os elementos que compõem a cena teatral, além de fundamentar o papel importante da instituição escolar na formação de público para o teatro. E, por fim, no décimo segundo capítulo o autor investiga a formação da identidade goiana manifestada em noções de *atraso e progresso* contidas na obra *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos.

Assim, todos os trabalhos apresentam diferentes estéticas, teorias e práticas,

estabelecem a ampliação das reflexões, problematizam as investigações, além de ensinar outras poéticas literárias.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ADDIE BUNDREN NO REINO DO INDECIDÍVEL: UMA LEITURA DESCONSTRUTIVA DE WILLIAM FAULKNER	
Leila de Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.2831925061	
CAPÍTULO 2	14
SIMBAD, O MARUJO: TECENDO RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM	
Jaqueline de Carvalho Valverde Batista	
DOI 10.22533/at.ed.2831925062	
CAPÍTULO 3	34
RENATO RUSSO E A POESIA DE RESISTÊNCIA EM O DESCOBRIMENTO DO BRASIL E GIZ	
Elisângela Maria Ozório	
DOI 10.22533/at.ed.2831925063	
CAPÍTULO 4	46
FIGURAÇÃO DA INFÂNCIA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925064	
CAPÍTULO 5	61
O ESPAÇO EM <i>A PAIXÃO SEGUNDO G.H</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Gilda Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.2831925065	
CAPÍTULO 6	70
ESPAÇO E EXIGUIDADE NA CARACTERIZAÇÃO DAS LITERATURAS MINORITÁRIAS	
Nelson Luís Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2831925066	
CAPÍTULO 7	81
A INVERSÃO DAS MÁXIMAS EM OS MEUS SENTIMENTOS, DE DULCE MARIA CARDOSO	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
DOI 10.22533/at.ed.2831925067	
CAPÍTULO 8	92
O LIVRO-JOGO COMO ATRATIVO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925068	
CAPÍTULO 9	101
O INCONSCIENTE POLÍTICO NAS QUESTÕES SOBRE O MUNDO RURAL EM PEDRO PÁRAMO	
Renner Coelho Messias Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2831925069	

CAPÍTULO 10	113
ESTÉTICAS NA FORMAÇÃO DE PLATEIA PARA O TEATRO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.28319250610	
CAPÍTULO 11	122
IDENTIDADE GOIANA E O MITO DO ATRASO NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS	
Thiago Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.28319250611	
SOBRE O ORGANIZADOR	132

ESPAÇO E EXIGUIDADE NA CARACTERIZAÇÃO DAS LITERATURAS MINORITÁRIAS

Nelson Luís Ramos

UNESP

São José do Rio Preto – SP

RESUMO: Para o presente trabalho traçaremos algumas considerações sobre o espaço, visando estender o problema para as literaturas minoritárias em geral, apoiando-nos, para tanto, principalmente em François Paré, crítico canadense, mas recorrendo também a outros estudiosos brasileiros contemporâneos do assunto. Paré, em seu discurso sobre a exiguidade – no importante ensaio *Les littératures de l'exiguité* (1992) –, concebe as “literaturas minoritárias” como “as obras literárias produzidas no seio das minorias étnicas no interior dos Estados unitários” (p. 26). No caso específico da literatura acadiana, ele a insere no domínio do que chama “as literaturas insulares”, “enquanto condição interiorizada da exiguidade insular” (p. 31), da mesma forma que se poderia falar de “minorização”. Assim, segundo ele, a insularidade da literatura acadiana “faz a sua força estratégica ao mesmo tempo que constitui os seus limites mais tangíveis” (p. 31). Lucie Hotte, em sua apresentação à Revue du Nouvel-Ontario dedicado ao espaço em literatura franco-ontariana (outra importante minoria linguística francófona do Canadá), lembra que Paré destaca a valorização excessiva do espaço

pelos *pequenas* literaturas, e Hotte acrescenta que, “privadas de espaço real, as comunidades minoritárias (...) tentam criar para si um espaço por meio da criação artística e particularmente pela literatura” (p. 5).

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas Minoritárias; Identidade; Espaço Literário; Exiguidade; François Paré.

ABSTRACT: The present work we will focus on some aspects related to space, aiming to extend the problem to minority literatures in general, under the support of François Paré, a Canadian critic, but also resorting to other Brazilian scholars contemporary of the subject matter. Paré, in his important essay *Les littératures de l'exiguité* (1992), conceives “minority literatures” as “the literary works produced by ethnic minorities within unitary States” (p. 26). In the specific case of the Akkadian literature, he inserts it in the domain of what he calls “island literature”, “as an internalized condition resulting from island exiguity in the same way one could speak of “minorization.” Thus, according to him, the insularity of Akkadian literature “makes its strategic force at the same time as it constitutes its most tangible limits” (p.31). Lucie Hotte, in her presentation to the Revue du Nouvel-Ontario dedicated to space in French-Ontarian literature (another important Francophone linguistic minority of Canada), recalls that Paré

emphasizes the excessive valorization of the space by the “small” literatures, and Hotte adds that, “deprived of real space, minority communities (...) try to create a space for themselves through artistic creation and, particularly, through literature” (p.5).

KEYWORDS: Minority Literatures; Identity; Literary Space; Exiguity; François Paré.

1 | PRÓLOGO

No início de 2015 tivemos acesso a um livro, *Les littératures de l'exiguïté*, publicado em 1992 por François Paré, professor universitário e pesquisador canadense, que nos estimulou com sua proposta de abordagem sobre literaturas minoritárias e a valorização da categoria espaço, intimamente ligada à primeira. Por viver e trabalhar em um contexto minoritário, o ensaísta parte de sua própria experiência – vive entre os franco-ontarianos, minoria francófona da província de Ontário/Canadá, predominantemente de língua inglesa – para abordar o tema do qual trata com profundidade e agudo senso crítico.

Como ele, a questão das literaturas minoritárias encontra bastante eco nas pesquisas de muitos outros estudiosos canadenses de língua francesa, como Paré também vivendo em meio minoritário e compreendendo e sentindo com mais profundidade a problemática colocada pelas obras produzidas no seio dessas comunidades – podemos citar a acadiana e a franco-ontariana como mais representativas. Além dessas, a mais importante compreende um território único: trata-se da Província do Quebec, majoritariamente de língua francesa, o que lhe concede certa autonomia no contexto canadense, e tratada por Paré de forma um pouco distinta das demais, por conta de suas especificidades.

Cumprе esclarecer, antes de tudo, que as obras de Paré ainda não se encontram traduzidas para a língua portuguesa. Desta forma, ressaltamos que todas as traduções do francês que aparecem neste artigo são de nossa autoria. Assim, em seu discurso sobre a exiguidade, Paré (2001, p. 26), no ensaio citado, concebe as “literaturas minoritárias” como “as obras literárias produzidas no seio das minorias étnicas no interior dos Estados unitários” (1). No caso da literatura acadiana – outra minoria francófona espalhada por várias províncias do Canadá – Paré (2001, p. 31) a insere no domínio do que chama “as literaturas insulares”, “enquanto condição interiorizada da exiguidade insular” (2), da mesma forma que se poderia falar de “minorização”. Assim, segundo ele, a insularidade da literatura acadiana “faz a sua força estratégica ao mesmo tempo que constitui os seus limites mais tangíveis” (3).

Lucie Hotte (2006, p. 5) – outra pesquisadora canadense –, em sua apresentação ao número 31 da *Revue du Nouvel-Ontario* dedicado ao espaço em literatura franco-ontariana, lembra que Paré destaca a valorização excessiva do espaço por parte das *pequenas* literaturas, e acrescenta a estudiosa que, “privadas de espaço real, as comunidades minoritárias (...) tentam criar para si um espaço por meio da criação artística e particularmente pela literatura” (4).

2 | ESPAÇO E EXIGUIDADE

Paré, ao falar de exiguidade, faz alusão não apenas a um espaço, mas a um espaço diminuto, pequeno, insuficiente, que é próprio das literaturas minoritárias, aquelas em busca de representação, de autonomia, de existência própria. Essa é a ênfase do questionamento proposto por Paré e a ela queremos nos ater.

Retomando o texto de Paré (2001, p. 21-22), percebemos seu questionamento: “Her damos, tanto no Canadá como em outros lugares, o peso de quatrocentos anos de história literária europeia. É realmente possível imaginar o conceito de literatura de outra forma do que sob esse prisma?” (5). O estudioso canadense critica, desse modo, o peso da literatura europeia na visão que temos de Literatura no mundo ocidental, à qual estamos vinculados quer queiramos ou não. Dessa forma, é a partir dessa literatura – e principalmente daquela dos países fundadores da grande Literatura, como França, Alemanha, Itália, Espanha, Inglaterra, Rússia, dentre outros poucos – que devemos pensar o caso específico das literaturas minoritárias. Estas fizeram o impossível para se constituir e conseguir algum reconhecimento, por mínimo que seja, ainda que permanecendo à margem, como vemos ainda em Paré (2001, p. 25): “Do mesmo modo que as grandes literaturas se esforçaram para criar as condições, altamente sacralizadas, da universalidade, as *pequenas*, aquelas que a grandiosidade das outras excluía, se extenuaram no fracionamento e na diversidade.” (6).

Continuando em seu raciocínio, o estudioso canadense (2001, p. 26) enumera quatro formas que lhe parecem mais definidoras e mais pertinentes ao tratar da exiguidade: as literaturas minoritárias, as literaturas coloniais, as literaturas insulares e as *pequenas* literaturas nacionais. Marginalizadas, Paré nos dá pistas do que seriam as chamadas literaturas minoritárias: “Entendo por ‘literaturas minoritárias’ as obras literárias produzidas no seio das minoridades étnicas no interior dos Estados unitários.” (7). E afirma ainda mais: “Alguns povos são minoritários há muito tempo: é o caso dos Catalães, (...). Para outros, o estatuto de minoritário decorre de desenvolvimentos políticos ou militares recentes, como é o caso (...) dos Franco-Ontarianos no Canadá.” (8). Como se vê, aqui aparecem os Catalães e os Franco-Ontarianos. Também é o caso do Quebec – a grande província de maioria francófona do Canadá –, que desde os anos 60 possui uma produção de obras literárias escritas sem precedentes, fruto do poderoso papel representado pelo Estado quebequense e cuja pujante promoção cultural a distingue das demais literaturas francófonas no Canadá. A província do Quebec também poderia se encaixar no exemplo de *pequena* literatura nacional, como a Eslováquia, a Lituânia, etc., países independentes, mas sem tanta expressão político-econômica.

Assim, continua Paré (2001, p. 31), tratando agora das literaturas insulares:

(...) as literaturas insulares (...) se inscrevem no campo particular da exiguidade, que elas vivem ora sob a forma de dependência extrema, a exemplo das literaturas coloniais ou minoritárias, ora sob a forma de obstinada autonomia, quando são sustentadas por condições econômicas favoráveis. (9)

Segundo ele, é aqui que se encaixaria a Acádia (minoría francófona do Canadá):

Poderemos falar finalmente de insularização, enquanto condição interiorizada da exiguidade insular, da mesma maneira que nós podíamos falar de minorização. Existem, então, literaturas insularizadas, apresentando as características de dependência e de autarquia das ilhas. Digo frequentemente para mim que é o caso da literatura acadiana; esta insularidade faz a sua força estratégica ao mesmo tempo que constitui os seus limites mais tangíveis. (10)

Isto dito, encaminhamo-nos para um aspecto fundamental para o nosso crítico (2001, p. 115-116), já indicado anteriormente: “Repito, porque isto me parece crucial: as *pequenas* literaturas tendem a glorificar o espaço. (...) Mas o espaço é repleto de sentidos. (...)” (11). Aqui, Paré (2001, p. 97) faz sua defesa da escolha do espaço como expressão maior das literaturas minoritárias com uma série de fatores políticos e históricos que levaram a isso:

Quem fala nos dias de hoje de país, quando o mundo intelectual europeu, do qual dependemos tanto, se farta de visões imperiais? No entanto, eu passo o meu tempo a ler obras literárias que fazem parte integrante de micronúcleos de cultura nacional, por sua língua, por sua interpretação da história, por seu espaço obsedante. Não há como negar: essa gente acredita no país, a ele submetem toda a sua experiência da literatura! (...) (12)

E ele continua na sua defesa do espaço e da exiguidade (2001, p. 97):

Se os *pequenos* povos não têm história, como dizem, as grandes culturas são desprovidas de espaço, quer dizer que elas são capazes de se instituírem mecanismos de “desespacialização”. Elas, há muito tempo, fugiram das terras sagradas. Por conta desse direito foram as culturas nacionais da Europa ocidental as que tiveram maior sucesso, e sem dúvida desde o Renascimento, em eliminar as referências ao território. Com isso se afirmaria que a coletividade nacional tivesse saído de todo lugar e de lugar nenhum; toda a instituição cultural europeia concebeu sua *grandeza* como uma desrealização do seu espaço específico. (...) Se é necessário retroceder até o Renascimento, é porque eu creio firmemente que nós continuamos a viver atualmente, tanto na Europa quanto no Ocidente em geral, nos esquemas culturais então traçados, entre 1500 e 1600 aproximadamente, pelos humanistas. (...) Este sistema serviu muito precocemente para sancionar a dominação de certas nações, línguas e culturas. As outras, a grande maioria dentre elas, serão descartadas do conjunto dos instrumentos de difusão da língua impressa. (13)

Paré (2001, p. 98-99) critica o papel do Renascimento para a valorização do Tempo e suas consequências para as literaturas menores ou dominadas:

O Renascimento quis que a Literatura gravitasse ao redor do Tempo (que ela fosse, pelo menos para o escritor, uma garantia de eternidade). O espaço (e a luta pelo espaço-país) permaneceria como uma manifestação da “província”. A história literária teria então por objetivo último inserir o espaço (o local da escrita, a cidade, o país real, os lugares da narração, o país mental) em uma problemática do tempo (do espaço de tempo).

Assim, visto que nas culturas dominantes a história literária visa confirmar a pretensão ao universal de certo corpus de obras canônicas, tornava-se evidente que uma ocultação do espaço específico da escrita se imporia como uma condição necessária à memorialização das obras. Enquanto Arnaut Daniel fosse, para esta história literária, um escritor occitano, ou Marcel Pagnol um escritor ‘regional’ (portanto marcado pelo espaço), esses homens não conseguiriam jamais emergir

dos horizontes espaciais no interior dos quais a instituição dominante gostaria de enxergá-los.

Na França, a 'desespacialização' cultural efetuou-se em detrimento de inúmeras culturas regionais e, mais tarde, coloniais, todas confinadas às noções de espaço. Foi assim com o conceito da Francofonia e das suas manifestações no plano da cultura. Mas esse termo 'francofonia' não permanece para a instituição cultural francesa como uma indicação do pertencimento espacial das obras artísticas (uma obra do Benim/beninense, um escritor do Zaire/congolês, etc.), enquanto que a própria cultura francesa se reserva, para si, o outro campo da temporalidade, muito mais fecundo e mais produtivo no que se refere à difusão e memorialização das obras? (...) (14)

E o estudioso (2001, p. 193) reforça essa convicção a partir de um fato saído de sua própria experiência no início de sua carreira:

Eu me dou conta, agora, que o meu mal-estar provinha da negação/recusa, entre os formalistas europeus, das condições de expressão da opressão, e da própria existência de discursos culturais da exiguidade, para os quais eles só tinham desprezo. O formalismo era frequentemente o produto de universitários recentemente imigrados na França, na Alemanha ou na Inglaterra, que deviam manter com relação às suas culturas de origem (lituana, búlgara, croata, dinamarquesa, bretã, belga) sentimentos de incômodo e uma certa vergonha, sentimentos que eles se apressavam em sublimar na glorificação de um discurso pseudocientífico da dominação e da Lei. Eles tinham, portanto, uma conta a acertar com a exiguidade. (15)

Também Lucie Hotte (2006, p. 5), outra pesquisadora canadense da qual nos servimos, trata especificamente de espaço e de exiguidade, temas menos valorizados em narratologia do que o tempo, como já foi mencionado:

A expressão 'literatura minoritária' remete de imediato às noções de exiguidade, de periferia e de margens que se inscrevem todas no campo semântico do espaço. (...) Para Paré, as 'pequenas literaturas' se diferenciam das 'grandes' por sua valorização exagerada do espaço. (...) Esta predileção decorre com certeza do fato de que o espaço de vida e, conseqüentemente, o espaço de produção literária dos grupos minoritários são restritos e problemáticos. Privadas de espaço real, as comunidades minoritárias atribuem um valor cada vez maior ao espaço e tentam criar um espaço para si por meio da criação artística e, particularmente, pela literatura. (16).

E acrescenta Lucie Hotte (2006, p.9): "Se o mundo fictício dá a impressão de ser real, é em grande parte graças à representação do espaço. (...)" (17).

3 | ESPAÇO: VERTENTES POSSÍVEIS

Uma vez a ênfase dada ao problema das literaturas minoritárias e ao seu caráter exíguo problemático, encontramos um referencial muito importante nos escritos de Luis Alberto Brandão, escritor, pesquisador e teórico literário brasileiro, que em sua obra *Teorias do espaço literário* nos oferece um estudo mais aprofundado para tratar da questão do espaço. Ao sistematizar os modos com que se abordam o espaço na Literatura, elenca quatro principais: espaço como representação, espaço como estruturação textual, espaço como focalização e espaço da linguagem. Das tendências

abaixo, a primeira é a que nos interessa:

(...) representação do espaço no texto literário. Nesse tipo de abordagem, com frequência nem se chega a indagar o que é espaço, pois este é dado como categoria existente no universo extratextual. Isso ocorre sobretudo nas tendências naturalizantes, as quais atribuem ao espaço características físicas, concretas (aqui se entende espaço como 'cenário', ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito dos sujeitos ficcionais e recursos de contextualização da ação). Mas há também os significados tidos como translatos: o 'espaço social' é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas segundo balizas mais ou menos deterministas; já o 'espaço psicológico' abarca as 'atmosferas', ou seja, projeções, sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade, entre as quais são bastante comuns a psicanalítica e a existencialista.

Nos Estudos Literários contemporâneos, a vertente mais difundida dessa tendência é, possivelmente, a que aborda a representação do 'espaço urbano' no texto literário. Outra vertente bastante significativa é a que, com maior ou menor afinidade com os Estudos Culturais, utiliza um léxico espacial que inclui termos como margem, território, rede, fronteira, passagem, cartografia, buscando compreender os vários tipos de espaços representados no texto literário em função do fato de se vincularem a identidades sociais específicas. (BRANDÃO, 2015, p. 56-57)

E Brandão arremata:

(...) Se o espaço, como categoria relacional, não pode fundamentar a si mesmo, é por meio de suas "ficções" que ele se manifesta, seja para vir a ser tomado por real, seja para reconhecer-se como projeção imaginária, ou, ainda, para se explicitar, na autoexposição de seu caráter fictício, como realidade imaginada. (BRANDÃO, 2013, p. 35)

Pelo que percebemos até aqui, conjugando Paré e Brandão, principalmente, com vistas a tratarmos de identidade, literaturas minoritárias, espaço e exiguidade, a vertente da representação do espaço encontra fértil campo de trabalho e embasamento teórico para os nossos questionamentos.

Oziris Borges Filho (UFTM), na apresentação ao livro *Poéticas do espaço literário*, obra coletiva em que a tônica é a categoria "espaço", é bastante enfático sobre isso:

A partir dos anos sessenta, os estudos sobre a categoria "espaço" vêm aumentando significativamente. A publicação dos livros de Georges Matoré e de Henri Lefebvre, *L'espace humain* e *La production de l'espace* respectivamente, marca o avivamento das preocupações com essa categoria e, concomitantemente, incentiva a pesquisa nesse domínio. (BORGES FILHO & BARBOSA, 2009, p. 4)

Lembra ainda o autor (2009, p. 4-5) que, revelado pela Teoria Literária, o binômio espaço-literatura se dividiu basicamente em seis linhas de investigação, não necessariamente exploradas da mesma forma pelos pesquisadores: a que trata da forma espacial do espaço literário, a de abordagem temática do espaço, a estruturalista (preocupada com a estrutura do texto), a que aponta a indissolubilidade entre espaço e tempo (aberta por Mikhail Bakhtin), aquela que se refere à relação entre o espaço representado na obra e o espaço da leitura (apenas esboçada no texto *O espaço do romance* de Michel Butor) e, finalmente, a que se refere à relação entre o espaço

do escritor, real, geográfico, e o espaço representado na obra (discutida por Raúl H. Castagnino, é uma abordagem geopolítica, sociológica da literatura).

Para finalizar, Regina Dalcastagnè, importante pesquisadora do espaço na Literatura brasileira, na introdução a *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*, aponta que

(...) este livro propõe uma discussão sobre as configurações do espaço na literatura brasileira contemporânea – espaço que reflete confrontos e hierarquias sociais e que é, ele próprio, objeto de rivalidade e signo das diferenciações entre grupos e agentes. (...) o espaço *físico* em que se situam narrativas e se deslocam personagens, que é sempre simultaneamente um espaço *simbólico* que atribui valorações distintas a quem dele participa, é colocado em questão junto com o *campo literário*, espaço metafórico em que ocorrem a movimentação e os embates de suas/seus agentes – autoras/es, leitoras/es, editoras/es, críticas/os, tradutoras/es, livreiras/os, etc. Neste sentido, mais do que apenas buscar os modos como o espaço aparece representado na literatura brasileira contemporânea, procura-se discutir as tensões estabelecidas a partir de relações conflituosas com o espaço vivenciadas dentro e no entorno das obras. (DALCASTAGNÈ & AZEVEDO, 2015, p. 11)

Todos esses pesquisadores – e não só eles, pois o que se vê é um número grande de estudiosos que também se dedicam ao tema Brasil afora –, ao focar a categoria “espaço”, fortalecem os estudos sobre sua representação na obra literária como um todo, ao mesmo tempo em que oferecem um leque bastante variado de abordagens para o tema tratado.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resultado das pesquisas que vimos fazendo nos últimos tempos percebemos que, principalmente também por conta dos Estudos Culturais, o espaço – e os estudos dele decorrentes – tem sido revisto e bastante valorizado. Há farta bibliografia e abordagens variadas que nos auxiliarão nas questões ligadas à identidade e às literaturas minoritárias. A obra de Paré é bastante importante, sobretudo para quem busca trabalhar com esse tipo de questionamento, que pode ser complementado com outra obra sua, *Théories de la fragilité (Teorias da fragilidade*, também ainda inédito em língua portuguesa), onde se vê, dentre outras, uma reflexão mais teórica sobre as condições de escrita ligadas à exiguidade da instituição literária minoritária, perpassada, mesmo que indiretamente, pela questão da identidade individual e coletiva.

Como bem lembra Maria Bernadette Porto (da UFF), entusiasta dos textos de Paré,

(...) a descoberta da obra desse intelectual, que privilegia o estudo da relação entre a condição frágil das minorias francófonas e a história e a memória, constituiu a possibilidade de alargar e aprofundar indagações sobre a presença de tais aspectos em obras literárias oriundas das chamadas margens que há muito ocupam o centro de seu interesse acadêmico. (PORTO, 2014, p. 104).

Assim, concluindo, o que Paré mostra em seus ensaios é como a literatura sofre,

nessas comunidades, para se impor, para não desaparecer, relegada a segundo plano pelas instituições majoritárias das línguas política e economicamente mais fortes. É um trabalho constante de sobrevivência, levada a cabo por aqueles que acreditam na valorização do singular, do diferente, do minoritário enfim, mas que acreditam mais ainda na própria permanência frente às dificuldades encontradas diariamente no trabalho quotidiano de suas comunidades.

5 | CITAÇÕES

1. « es œuvres littéraires produites au sein des minorités ethniques à l'intérieur des États unitaires »(PARÉ, 2001, p. 26).

2. « en tant que condition intériorisée de l'exiguïté insulaire »(PARÉ, 2001, p. 31).

3. « fait sa force stratégique tout en constituant ses limites les plus tangibles » (PARÉ, 2001, p. 31).

4. « privées d'espace réel, les communautés minoritaires (...) tentent de créer un espace à soi par la création artistique et particulièrement par la littérature » (HOTTE, 2006, p. 5).

5. « Nous avons hérité là, au Canada comme ailleurs, le poids de quatre cents ans d'histoire littéraire européenne. Est-il même possible d'imaginer le concept de littérature autrement qu'à travers ce prisme? »(PARÉ, 2001, p. 21-22).

6. « Autant les grandes littératures se sont efforcées de créer les conditions, hautement sacralisées, de l'universalité, autant les *petites*, celles que la grandeur des unes excluait, se sont exténuées dans le morcellement et la diversité.»(PARÉ, 2001, p. 25).

7. « J'entends par 'littératures minoritaires' les œuvres littéraires produites au sein des minorités ethniques à l'intérieur des États unitaires.» (PARÉ, 2001, p. 26).

8. « Certains peuples sont minoritaires depuis très longtemps: c'est le cas des Catalans, (...). Pour d'autres, le statut de minoritaire découle de développements politiques ou militaires récents, comme c'est le cas (...) des Franco-Ontariens au Canada.»(PARÉ, p. 26).

9. « (...) les littératures insulaires (...) s'inscrivent dans le champ particulier de l'exiguïté, qu'elles vivent parfois sous forme de dépendance extrême, à l'instar des littératures coloniales ou minoritaires, parfois sous forme de farouche autonomie, quand elles sont soutenues par des conditions économiques favorables » (PARÉ, 2001, p. 31).

10. « On pourra enfin parler d'insularisation, en tant que condition intériorisée de l'exiguïté insulaire, au même titre que nous pouvions parler de minorisation. Il existe alors des littératures insularisées, montrant les caractéristiques de dépendance et d'autarcie des îles. Je me dis souvent que c'est le cas de la littérature acadienne; cette insularité fait sa force stratégique tout en constituant ses limites les plus tangibles.»

(PARÉ, 2001, p. 31)

11. « Je le répète, parce que cela me semble crucial: les *petites* littératures tendent à glorifier l'espace. (...) Mais l'espace est prégnant de sens. (...) » (PARÉ, 2001, p. 115-116).

12. « Qui parle ces jours-ci de pays, quand le monde intellectuel européen, dont nous dépendons tant, se gave, lui, de visions impériales? Pourtant je passe mon temps à lire des œuvres littéraires qui font partie intégrante de micronoyaux de culture nationale, par leur langue, par leur interprétation de l'histoire, par leur espace obsédant. Il n'y a pas à dire: ces gens-là croient au pays, y soumettent toute leur expérience de la littérature!» (...) (PARÉ, 2001, p. 97).

13. « Si les *petits* peuples n'ont pas d'histoire, comme on dit, les grandes cultures, elles, sont dépourvues d'espace, c'est-à-dire qu'elles s'instituent à même des mécanismes de déspatialisation. Elles ont depuis longtemps fui les terres sacrées. À ce titre, ce sont les cultures nationales de l'Europe occidentale qui ont le mieux réussi, depuis la Renaissance sans doute, à évacuer les références au territoire. On voudrait ainsi que la collectivité nationale soit issue de partout et de nulle part; toute l'institution culturelle européenne a conçu sa *grandeur* comme une déréalisation de son espace spécifique. (...) S'il faut remonter à la Renaissance, c'est que je crois fermement que nous vivons toujours actuellement, aussi bien en Europe que dans l'Occident en général, dans les schèmes culturels tracés alors, entre 1500 et 1600 environ, par les humanistes. (...) Ce système a servi très tôt à sanctionner la domination de certaines nations, langues et cultures. Les autres, la grosse majorité d'entre elles, seront écartées de l'ensemble des instruments de diffusion de l'écrit.» (Paré, 2001, p. 97)

14. « La Renaissance a voulu que la Littérature gravite autour du Temps (qu'elle soit plutôt pour l'écrivain une assurance d'éternité). L'espace (et la lutte pour l'espace-pays) resterait une manifestation de la province. L'histoire littéraire aurait alors pour but ultime d'insérer l'espace (le lieu d'écriture, la ville, le pays réel, les lieux de la narration, le pays mental) dans une problématique du temps (de l'espace de temps). Ainsi, puisque dans les cultures dominantes l'histoire littéraire vise à confirmer la prétention à l'universel d'un certain corpus d'œuvres canoniques, il devenait évident qu'une occultation de l'espace spécifique de l'écriture s'imposerait comme une condition nécessaire à la mémorialisation des œuvres. Tant qu'Arnaut Daniel serait, pour cette histoire littéraire, un écrivain occitan, ou Marcel Pagnol un écrivain régional (donc marqué par l'espace), ces hommes ne parviendraient jamais à émerger des horizons spatiaux à l'intérieur desquels l'institution dominante aimerait les imaginer. En France, la déspatialisation culturelle s'est effectuée aux dépens de nombreuses cultures régionales et, plus tard, coloniales, toutes confinées aux notions d'espace. Ainsi en a-t-il été du concept de la Francophonie et de ses avatars sur le plan de la culture. N'est-ce pas que ce mot de francophonie reste pour l'institution culturelle française une indication de l'appartenance spatiale des œuvres artistiques (une œuvre béninoise, un écrivain zaïrois, etc.) alors même que la culture française, elle, se réserve l'autre

champ de la temporalité, beaucoup plus fécond et plus productif en ce qui concerne la diffusion et la mémorialisation des œuvres?» (...) (PARÉ, 2001, p. 98-99)

15. « Je me rends compte maintenant que mon malaise provenait du déni, chez les formalistes européens, des conditions d'expression de l'oppression, et de l'existence même de discours culturels de l'exiguïté, pour lesquels ils n'avaient que du mépris. Le formalisme était souvent le produit d'universitaires récemment immigrés en France, en Allemagne ou en Angleterre, qui devaient entretenir à l'égard de leur culture d'origine (lituanienne, bulgare, croate, danoise, bretonne, belge) des sentiments de gêne et une certaine honte, sentiments qu'ils s'empressaient de sublimer dans la glorification d'un discours pseudo-scientifique de la domination et de la Loi. Ils avaient donc un compte à régler avec l'exiguïté.» (PARÉ, 2001, p. 193).

16. « L'expression 'littérature minoritaire' renvoie d'emblée aux notions d'exiguïté, de périphérie et de marges qui s'inscrivent toutes dans le champ sémantique de l'espace. (...) Pour Paré, les 'petites littératures' se distinguent des 'grandes' par leur valorisation démesurée de l'espace. (...) Cette prédilection découle assurément du fait que l'espace de vie et, conséquemment, l'espace de production littéraire des groupes minoritaires sont restreints et problématiques. Privées d'espace réel, les communautés minoritaires accordent une valeur d'autant plus grande à l'espace et tentent de créer un espace à soi par la création artistique et particulièrement par la littérature. » (HOTTE, 2006, p. 5).

17. « (...) Si le monde fictif donne l'impression d'être réel, c'est en grande partie grâce à la représentation de l'espace. (...) » (HOTTE, 2006, p. 9).

REFERÊNCIAS

BORGES FILHO, Oziris; BARBOSA, Sidney (Orgs.). *Poéticas do espaço literário*. São Carlos: Claraluz Editora, 2009.

BRANDÃO, Luis Alberto. Regimes de espacialidade na literatura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Estudos de Literaturas Contemporâneas)

_____. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Estudos de Literaturas Contemporâneas)

HOTTE, Lucie. L'Espace en Littérature Franco-Ontarienne: Présentation. *Revue du Nouvel-Ontario*, Sudbury, n. 31, p. 5-7, 2006. Disponível em <<http://ifolaurentienne.ca/wp-content/uploads/2013/04/RNO-31-PDF.pdf>> Acesso em 20/05/2015.

PARÉ, François. _____. *Les littératures de l'exiguïté*: essai. Ottawa: Le Nordir, 2001. (Bibliothèque canadienne-française)

_____. *Théories de la fragilité*: essai. Ottawa : Le Nordir, 1994.

PORTO, Maria Bernadette. Nas trilhas de François Paré: exiguidade, fragilidade e distância habitada na elaboração da memória em culturas minoritárias e diaspóricas. In: ***Interfaces Brasil/Canadá***. Canoas, v. 14, n. 18, 2014, p. 103-121.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-428-3



9 788572 474283